



Paulo Octávio defende a industrialização perto das cidades-satélites para facilitar a mão-de-obra

Paulo Octávio defende a industrialização do DF

Nos últimos 60 dias o candidato a deputado federal pelo PRN Paulo Octávio, fez mais de cem palestras em sindicatos, escolas, associações profissionais, empresariais, comerciais e comunitárias levando sua proposta de lutar pela autonomia econômica de Brasília. Em entrevista ao **Jornal de Brasília**, ele alerta para a urgência dessa autonomia "se quisermos conter o desemprego, a miséria e a marginalização". É a seguinte a íntegra da entrevista:

JBr — Em sua opinião qual deve ser a principal bandeira de um deputado federal eleito pelo Distrito Federal?

Paulo Octávio — Após 30 anos de lutas e com a autonomia política conquistada o Distrito Federal enfrenta agora uma batalha ainda mais urgente e angustiante: pela autonomia econômica. Com um contingente de 60 mil jovens chegando anualmente ao nosso incipiente mercado de trabalho, o incentivo às migrações e um processo de industrialização embrionário e travado por preconceitos e burocracias, chegou a hora de repensar Brasília sob a ótica de uma unidade federativa autônoma e produtiva.

Industrialização é a solução?

— Quem mora em Brasília há algum tempo já está cansado de ouvir os velhos argumentos de que a capital federal deve ter um perfil meramente administrativo, sem preocupações com a iniciativa privada. Como se uma cidade de funcionários públicos, vivendo de esmolas do Governo Federal pudesse sobreviver por muito tempo, ainda mais em tempos de crise. A palavra industrialização, que até hoje causa arrepios às camadas mais re-

tógradas, sendo tratada como tabu, terá que se tornar palavras de ordem se não pretendermos continuar promovendo o desemprego, a miséria e a marginalização.

A que se deve o atraso industrial do DF?

— O empresário de Brasília é visto como um peixe fora d'água nos outros Estados, onde se imagina que aqui só moram funcionários públicos, todos ganhando fábulas de dinheiro e usufruindo de belas mansões. Mesmo no DF, não se sabe se por obra dos governos militares que temiam o incremento das atividades produtivas e seus inseparáveis braços sindicais, ou se por ações de Estados vizinhos interessados em abocanhar qualquer investimento econômico na região, o fato é que também entre nós o termo empresário nunca foi visto com maiores simpatias.

Como incentivar a implantação de indústrias no DF?

— A industrialização não pode mais ser adiada e deve começar pela criação de pólos industriais nas periferias das cidades-satélites. Teremos que oferecer facilidades na aquisição de terrenos, financiamentos e no escoamento da produção, sob pena de Brasília acabar cercada por um cinturão de miséria sem comparação mesmo com as grandes e caóticas cidades brasileiras. Não é admissível que um trabalhador tenha de percorrer de transporte coletivo 30 e até 40 quilômetros para ir de sua casa ao Plano Piloto, onde se encontram 80% dos empregados. Também não é possível que o Distrito Federal continue arrecadando apenas 25% dos recursos que consome sob o estigma de uma cidade-parasita.

Mas e a parte administrativa de Brasília? Afinal, não se pode esquecer que vivemos na capital da República.

— Brasília precisa resgatar sua condição de capital federal propriamente dita com todos os órgãos governamentais sedizados aqui. Agora mesmo estamos conseguindo trazer a Embratur, o DNER e a Comissão Nacional de Energia Nuclear que vão garantir mais empregos e abrir vagas para os servidores em disponibilidade. Outros órgãos virão pois isso é uma determinação do presidente Fernando Collor realizando o sonho de Juscelino Kubitschek. Ainda dentro da autonomia econômica que buscamos para o DF, não se pode esquecer da produção agrícola que até hoje sofre por não deter a titulação das terras. Sem a propriedade da terra, quem vai investir se corre o risco de ser desapropriado? Por isso até hoje importamos alimentos de outros Estados. Como se vê, o papel da representação política de Brasília será proporcionar o desenvolvimento integrado de todos os setores industriais, agrícolas, comerciais e administrativos.

Qual o perfil que essa representação deve ter?

— O que se espera dessa nova classe política que Brasília está elegendo é senso de realidade, amor à cidade e a seus habitantes, abandono dos interesses pessoais e pensamento de estadistas, não de imediatistas. O DF não pode esperar mais pelo programa e o desenvolvimento nem ficar vivendo os louros de capital da esperança, capital do futuro ou coisa parecida. O futuro é agora. Ou não teremos nenhum futuro a oferecer às novas gerações.